



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED/LUANDA

MATERIAL DE APOIO PARA O EXAME DE ACESSO EM SOCIOLOGIA

Elaborado por:

Leopoldino Alberto Vitumbaca ¹

¹ Esta brochura foi elaborada para os candidatos do ciclo preparatório realizado pela Associação dos estudantes do ISCED-Luanda (2018/2019), bem como para os estudante em geral que pretendem aperfeçoar o conhecimento em Sociologia.

Estudante do 4º ano de Licenciatura do Ensino da Sociologia, no Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED);
Professor no Complexo Escolar Privado Cefozeca e no Colégio Dubranco,

membro da Liga Académica do Kilamba Kiaxi.

E-mail: vitumbacaleo@gmail.com

Publicado em 2019 *in* politica210.wordpress.com



Índice

Conteúdo

APRESENTAÇÃO DA BROCHURA.....	4
1. AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	5
1.1 A UNIDADE E A COMPLEXIDADE DO SOCIAL.....	5
1.3. A COMPLEMENTARIDADE E A INTERDEPENDÊNCIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	6
1.4. SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA.....	6
2. A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL.....	13
2.1. O SOCIAL E O SOCIÓLOGO.....	14
2.2. CONCEITO E OBJECTO DA SOCIOLOGIA.....	14
1.3. OBJECTO DE ESTUDO.....	14
2.4. CARACTERÍSTICAS DO FATO SOCIAL.....	15
2.5. CARACTERIZAÇÃO DA ACÇÃO SOCIAL.....	16
2.6. CARACTERÍSTICAS.....	16
2.7. OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS PARA INDIVÍDUO LICENCIADO EM SOCIOLOGIA PELO ISCED.....	17
3. O MÉTODO DA SOCIOLOGIA.....	17
3.1. TÉCNICAS DE PESQUISA DA SOCIOLOGIA.....	17
4. CULTURA E ETNICIDADE.....	18
4.1. ELEMENTOS DA CULTURA.....	18
4.2. CONCEITO DE POVO E ETNIA.....	19
4.3. CONCEITOS DE ETNIA.....	19
4.4. ESPAÇOS SOCIOCULTURAIS, E COMUNIDADES ÉTNICAS EM ANGOLA.....	19
5. ORGANIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL.....	20
5.1. INTERAÇÃO SOCIA.....	20
5.2. O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO.....	20
5.5. AGENTES DE SOCIALIZAÇÃO.....	21
6.6. PAPEL SÓCIA E POSIÇÃO SOCIAL.....	21
5.7. TIPOS DE PAPÉIS.....	21
5.7. STATUS SOCIAIS.....	22
6. EDUCAÇÃO.....	Erro! Marcador não definido.
6.1. EDUCAÇÃO COMO TEMA DA SOCIOLOGIA.....	22
6.2. A ESCOLA COMO AGENTE DE SOCIALIZAÇÃO.....	24
6.3. A EDUCAÇÃO EM ANGOLA.....	25
DA EDUCAÇÃO INTERMITENTE AO ENSINO OFICIAL.....	25
EDUCAÇÃO E PODER NA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA.....	27
O NOVO SISTEMA DE EDUCAÇÃO E ENSINO.....	27
ALGUNS ELEMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO NA 2ª REPÚBLICA.....	28
7. DESIGUALDADES SOCIAIS, EXCLUSÃO E POBREZA.....	28

7.1 DESIGUALDADES SOCIAIS.....	Erro! Marcador não definido.
7.2. ESTRUTURA SOCIAL.....	29
7.3. ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.....	29
PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO FENÔMENO DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.....	29
OS SISTEMAS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.....	30
TIPOS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.....	31
7.4. MOBILIDADE SOCIAL E CULTURAL- CONCEITO E TIPOS.....	32
7.6. CONCEITO DE EXCLUSÃO SOCIAL E POBREZA.....	32
7.7. FORMAS E ÍNDICE DE EXCLUSÃO SOCIAL.....	33
7.8. FORMAS E FUNÇÕES DA POBREZA.....	33
7.9. POBREZAS EM ANGOLA.....	33
8. GLOBALIZAÇÃO.....	34
8.1. OS CAMPOS DA GLOBALIZAÇÃO:.....	35
8.2. FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA A GLOBALIZAÇÃO.....	35
8.3. AS CAUSAS DA GLOBALIZAÇÃO CRESCENTE.....	37
9. A SOCIOLOGIA EM ANGOLA.....	37
9.1. FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA.....	37
8.1 SOCIÓLOGOS ANGOLANOS.....	38
8.2. OS NOMES SONANTES DA SOCIOLOGIA ANGOLANA.....	40
Afirmação e profissionalização da Sociologia no período pós-guerra.....	40
8.5. NOÇÕES BÁSICAS DE CULTURA GERAL.....	41
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

APRESENTAÇÃO DA BROCHURA

Abre-se uma nova etapa aos recém-finalistas do IIº Ciclo do Ensino Secundário, que perspectivam ingressar no Ensino Superior, especificamente no ISCED de Luanda e particularmente na opção de Sociologia. Esta brochura foi elaborada pensando nos candidatos, bem como em todos os estudantes com interesse de aperfeiçoarem mais o seu conhecimento sobre Sociologia.

Nela, o candidato/estudante, encontrará conteúdos básicos, lecionados no IIº Ciclo do ensino secundário na cadeira de Introdução à Sociologia, bem como, na cadeira de Introdução à Sociologia ministrada no Iº Ano do Ensino Superior, nas mais diversas perspectivas teóricas. Igualmente, decidimos reunir conteúdos de todos os temas presentes no tópico de Sociologia do ISCED de Luanda detalhadamente. Cada ponto apresentado constitui um dos subtemas do tópico (para o exame de admissão), tornando-se menos dispendioso e mais vantagens para os futuros estudantes de Licenciatura de Sociologia. *Ela não substitui a possibilidade do estudante consultar outras referências bibliográficas que são indicadas no tópico*, pois que, para que venhamos a atingir com êxito as nossas metas estabelecidas (enquanto candidato/estudante), é necessário desde cedo, ser possuidor de hábitos de leitura e pesquisa.

A presente brochura está estruturada da seguinte forma: A capa, índice, apresentação, e seguem-se os capítulos com os temas ligados ao tópico para o exame de admissão: Que vai desde as Ciências Sociais no mundo contemporâneo até a Sociologia em Angola. É de realçar que, infelizmente como qualquer trabalho científico, a nossa brochura apresenta alguns défices, mais que perspectivamos melhor na próxima edição. E também, estamos abertos para recebermos da parte dos leitores e não só, reparos e críticas construtivas.

Boa sorte aos candidatos, e que consigam ingressarem a esta grande família de Sociologia, bem haja o ISCED de Luanda e a Sociologia agradece.

1. AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

1.1 A UNIDADE E A COMPLEXIDADE DO SOCIAL

Entende-se por ciência uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar. "A ciência é todo um conjunto de atitudes e de atividades racionais dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação." A laicidade da ciência manifesta-se através de procedimentos e operações intelectuais que:

- "possibilitam a observação racional e controlam os factos;
- Permitem a interpretação e a explicação adequada dos fenômenos;
- Contribuem para a verificação dos fenômenos, positivados pela experimentação ou pela observação; E "Fundamentam os princípios da generalização ou o estabelecimento dos princípios e das leis"

As ciências possuem:

- Objetivo ou finalidade. Preocupação em distinguir a característica comum ou as leis gerais que regem determinados eventos, e função. Aperfeiçoamento, através do crescente acervo de conhecimentos, da relação do homem com o seu mundo.
- Objeto. Subdividido em: a) material aquilo que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar, de modo geral; b) formal, o enfoque especial, em face das diversas ciências que possuem o mesmo objeto material.

1.2. OS TRÊS NÍVEIS DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Faz-se, hoje, uma distinção em relação aos três níveis de conhecimento científica: o *inorgânico*, estudado pelas Ciências Físicas; o *orgânico* investigado pelas Ciências Biológicas; o *superorgânico*, abrangido pelas Ciências Sociais. De acordo com esta concepção, o campo de acção das Ciências Sociais tem início justamente quando os estudos físico e biológico do homem e seu universo terminam. Os três níveis encontram-se inter-relacionados, sendo que a transição de um para outro é gradativa. O superorgânico é observado no mundo dos seres humanos em interação e nos produtos dessa interação: linguagem, religião, filosofia, ciência, tecnologia, ética, usos e costumes e outros aspectos culturais e da organização social. Portanto, ao estudar o superorgânico, as Ciências Sociais *têm o seu interesse voltado para o homem em sociedade.*²

² LAKATOS e MARCONI, (2013) '*Sociologia Geral*', 7ª Edição, Editora Atlas, São Paulo, pp:21-22

1.3. A COMPLEMENTARIDADE E A INTERDEPENDÊNCIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.

Todas as ciências estudam a mesma realidade social, mas fazem-na de forma diferente, segundo perspectivas diferentes. Cada ciência social fornece-nos o seu código de leitura da realidade social que nos dá uma visão parcial e incompleta dessa realidade, pois a sua riqueza e complexidade não se esgota na explicação dada por uma única ciência social. Verificamos, portanto que, o objeto material das Ciências Sociais ou Humano é o mesmo: *o homem na sociedade*. Todavia, essas ciências possuem seu objeto formal distinto, apesar de haver o fenômeno de inter-relacionamento e de serem complementares umas das outras. As ciências sociais em muitos casos são reciprocamente complementares, pois a leitura que cada uma faz da realidade social completa ou complementa as leituras efetuadas pelas outras.

Quanto à *interdependência*, nenhuma ciência social pode explicar o que se passa na sociedade de forma isoladamente. Pós a sua explicação estaria incompleta. Ou seja, só em complementaridade e interdependência com os conhecimentos das outras ciências sociais se podem ter um conhecimento integral dos fenômenos sociais.

1.4. CIÊNCIAS SOCIAIS OU HUMANAS - CLASSIFICAÇÃO

Embora os autores apresentem classificações diferentes em relação às Ciências Sociais ou Humanas, consideramos que elas englobam as especificadas: *Antropologia Cultural, Direito³, Economia, Política, Psicologia Social e a Sociologia*.

1.4. SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA

A origem da Sociologia começa desde os Pensadores Helênicos. Desde tempos muito remotos, essas relações vinham sendo encaradas sob a forma de preceitos religiosos, de legislações e mesmo de teorias de direito. Pensadores helênicos, notadamente *Platão* (429-341 a.C.), *A republica*, e *Aristóteles* (384-322 a.C.), *A política*, foram os primeiros a tratar de tais problemas de maneira sistemática e separada da religião, mas não independente dos regimes políticos e econômicos. As obras desses dois sábios iriam

³ Sociologia é estudo científico das relações sociais, das formas de associação, destacando-se os caracteres gerais comuns a todas as classes de fenômeno sociais totais, fenômenos que se produzem nas relações de grupos entre seres humanos. Estuda o homem e o meio humano em suas interações recíprocas. A Sociologia não é normativa, nem emite juízos de valor sobre os tipos de associação e relações estudados, pois se baseia em estudos objetivos que melhor podem revelar a verdadeira natureza dos fenômenos sociais. A Sociologia, desta forma, é o estudo e o conhecimento objetivo da realidade social.

Quanto a Sociologia, ela apresenta duas diferenças básicas em relação as demais Ciências Sociais: a primeira seria relativa ao universo sociocultural; a segunda diz respeito a concepção da "natureza" do homem e as inter-relações dos fenômenos sociais (Ibidem, pp: 22-42)

ter imenso sentir até nossos dias. Posteriormente, *Santo Agostinho* (354-430), *A cidade de Deus*, apresentou ideias e análises básicas para as modernas concepções jurídicas e até sociológicas.⁴

A idade Média: Na Idade Média Europeia, as cogitações relativas aos grupos sociais tornaram-se fortemente influenciadas pela religião. O *Cristianismo, então dominante*, desde o início traçara diretrizes e normas a que deveria obedecer ao comportamento dos homens em seu relacionamento. Destas recomendações (ou mandamentos) estavam ausentes as preocupações de critérios científicos. O mesmo ocorreu com o Islamismo, apesar de ter estabelecido uma legislação bastante minuciosa, por muitos até hoje adotada. *O principal pensador oriental, Ibn Khaldun* (1332-1406), Prolegômenos, constituiu uma exceção, pois deu ao social uma explicação casualista. No *Século XIII, Santo Tomas de Aquino* (1226-1274), *Summa theológica*, conquanto inteiramente decidido a não se afastar da orientação crista, retomou os processos e as ideias de Aristóteles, para manifestar-se sobre as relações inter-humanas.

A Renascença: Durante a Renascença *apareceram obras vigorosas em que se propunham normas entrosadas de política e economia*, delas destacando-se a de Campanella (1568-1639), *Cidade do sol*, e, sobretudo, a conhecidíssima *Utopia*, de Thomas Morus (1478-1535), romance político e social avançado para a sua época. A partir de então, com o desenvolvimento do capitalismo comercial, multiplicaram-se os tratados de economia em que eram abordados vários aspectos dos problemas sociais. E a própria evolução política, que não podia deixar de se acelerar, em virtude das constantes modificações econômicas, favoreceu o aparecimento de livros, onde, embora se cuidasse principalmente de relações de mando, consideravam-se também outros aspectos do convívio entre os homens: *O príncipe, de Maquiavel* (1469-1527), e *Leviata, de Hobbes* (1588-1679); seus autores consideravam ser a vida da sociedade baseada no uso da força. Esses livros tiveram e tem grande influência, assim como *Ensaio sobre o entendimento humano, de Locke* (1632-1704), autor que deu contribuição a Filosofia, Psicologia e Educação. Ainda no Renascimento, devemos mencionar dois autores cujas inovações foram importantes para o desenvolvimento do pensamento científico: Bacon (1561-1626), *Novum organum*, que preconizou a observação da natureza, o uso da experimentação e principalmente do raciocínio indutivo; e Descartes (1596-1650), *Discurso sobre o método*. O método cartesiano influenciou as Ciências Sociais e as doutrinas políticas através de seu racionalismo.

O Século XVIII: No Século XVIII apareceram obras de grande valor no campo da política, economia e sociologia. *Montesquieu* (1689-1775), *O espírito das leis*, analisou o papel da lei e dos poderes políticos na sociedade; *Hume* (1711-1776), *continuidor do empirismo de Locke*, escreveu *Tratado sobre a natureza humana*; *Adam Smith* (1723-1790), *A riqueza das nações*, relacionou suas análises econômicas com o conjunto da sociedade. B preciso ainda salientar o impacto das teorias *do Contrato social, de Jean Jacques Rousseau* (1712-1778), de decisiva influencia na revolução democrática e conseqüentemente, na

⁴ Ibidem, pp:43-44

história das instituições; sua primordial importância consiste na apresentação de uma teoria para fundamentar a legitimidade do poder político.⁵

Desse período em diante, sempre sob a inspiração de problemas criados pela evolução econômica, multiplicaram-se as chamadas "doutrinas socialistas", cujos autores, tentando atenuar as injustiças imperantes na distribuição de riquezas e na exploração dos trabalhadores, criticavam a situação existente e pregavam novas e mais equitativas relações entre os homens. Entre eles podemos destacar Fourier (1772-1837), que estabeleceu uma correlação entre os sentimentos e as estruturas sociais, criador dos Falansterios; Saint Simon (1760-1825), verdadeiro fundador do socialismo, autor da famosa frase "de cada um de acordo com sua capacidade, e a cada um, de acordo com sua necessidade"; Owen (1771-1858), Uma nova visão da sociedade, fundador das primeiras sociedades cooperativas; Proudhon (1809-1865), O que é a propriedade, criador do sistema mutualista.

Hegel (1770-1831) promove um movimento de íntimo entrosamento entre princípios puramente filosóficos e as ciências sociais. A dialética de Hegel baseia-se no método antitético, dando origem à explicação das mudanças ocorridas no universo, mediante um processo em três tempos: tese, antítese e síntese. Ainda nesse período de transição, aparecem obras de economistas que marcaram profundamente o pensamento econômico e social da época: Ricardo (1772-1823), primeiro teórico da economia política clássica, com a obra Princípios de economia política, e que formulou a lei da renda diferencial; Malthus (1766-1834), Ensaio sobre o princípio de população, tornou-se famosa pela sua teoria da população, onde afirma que a correlação entre os recursos materiais e a excessiva fecundidade humana resulta em graves problemas de antinomia demográfica.

OS PIONEIROS: *Augusto Comte* em meados do século passado surgiu o que se pode chamar de "*reação positivista*" a que deu início o próprio criador da doutrina positivista: Augusto Comte (1798-1857). Este pensador francês lutava para que, em todos os ramos de estudos, se obedecesse a preocupação da máxima objetividade. Em sua classificação das ciências, colocou a matemática na base e, no ápice, os esforços de compreensão de tudo o que se referia ao homem, principalmente as relações entre eles. Nessa atitude, entretanto, *assumia uma posição diferente da dos socialistas*. Defendia o ponto de vista de somente serem válidas as análises das sociedades quando feitas com verdadeiro espírito científico, com objetividade e com ausência de metas preconcebidas, próprios das ciências em geral. *Os estudos das relações humanas, assim, deveriam constituir uma nova ciência, a que se deu o nome de "Sociologia"*. Esta não deveria limitar-se apenas a análise, mas propor normas de comportamento, seguindo a orientação resumida na famosa fórmula positivista: "saber para prever, a fim de prover". Teve enorme repercussão, e ainda tem a atitude que preconizou quanto ao estudo dos fenômenos sociais, não influenciado pela

Ibidem, p.45

emotividade, mas levado a efeito com a isenção de animo, semelhante à adotada na Química ou na Física. Aliás, inicialmente, em vez do termo "Sociologia", denominara esta ciência de "Física Social".

OS TRÊS PRINCÍPIOS BÁSICOS DE COMTE:

- *Prioridade do todo sobre as partes*: significa que, para compreender e explicar um fenômeno social particular deveu analisá-lo no contexto global a que pertence. Considerava que tanto a *Sociologia Estática* (estudo da ordem das sociedades em determinado momento histórico) quanto a *Sociologia Dinâmica* (estudo da evolução das sociedades no tempo) deveriam analisar a sociedade, de uma determinada época, correlacionando-a a sua História e a História da Humanidade (a Sociologia de Comte e, na realidade, Sociologia Comparada, tendo como quadro de referência a História Universal).
- *O progresso dos conhecimentos e característico da sociedade humana*: a sucessão de gerações, com seus conhecimentos, permitem uma acumulação de experiências e de saber que constitui um patrimônio espiritual objetivo e liga as gerações entre si; existe uma coerência entre o estágio dos conhecimentos e a organização social.
- *O homem é o mesmo por toda a parte e em todos os tempos*: em virtude de possuir idêntica constituição biológica e sistema cerebral.

Desses princípios básicos, Comte concluiu ser natural que a sociedade, em toda parte, evolua da mesma maneira e no mesmo sentido, resultando daí que a humanidade em geral caminha para um mesmo tipo de sociedade mais avançada. De tais ideias surgiu a classificação das sociedades denominada "*A Lei dos Três Estados*":

- **Estado teológico ou fictício**, em que se explicam os diversos fenômenos através de causas primeiras, em geral personificadas nos deuses. **O Estado Teológico subdivide-se em:** a) *fetichismo*, em que o homem confere vida, ação e poder sobrenaturais a seres inanimados e a animais; b) *politeísmo*, quando atribui a diversas potências sobrenatural ou deuses certos traços da natureza humana (motivações, vícios e virtudes etc.); c) *monoteísmo*, quando se desenvolve a crença num deus único.
- **Estado metafísico ou abstrato**. As causas primeiras são substituídas por causas mais gerais - as entidades metafísicas -. {Buscando nestas entidades abstratas (ideias) explicações sobre a natureza das coisas e a causa dos acontecimentos}.
- **Estado positivo ou científico**: O homem tenta compreender as relações entre as coisas e o acontecimento através da observação científica e do raciocínio, formulando leis; portanto, não mais procura conhecer a natureza íntima das coisas e as causas absolutas.⁶

A característica da filosofia positivista de Comte, desenvolvida em suas obras *Curso de Filosofia positiva* (1830-1842) e *Política positiva* (1851- -1854), e substituir em toda parte o absoluto pelo relativo.

⁶ Ibidem, p.45

Herbert Spencer: Segundo a concepção desse pensador, *a sociedade assemelha-se a um organismo biológico*, sendo o crescimento caracterizado pelo aumento da massa; o processo de *crescimento da origem a complexidade da estrutura*; aparece nítida interdependência entre as partes; tanto a vida da sociedade como a do organismo biológico são muito mais longa do que a de qual43 quer de suas partes ou unidades. Desses princípios básicos chega-se a formulação de uma lei geral, segundo a qual a evolução de todos os corpos (e, por analogia, a das sociedades) passa de um estágio primitivo, caracterizado pela simplicidade de estrutura e pela homogeneidade, a exigidos de complexidade crescente, assinalados por uma heterogeneidade progressiva das partes, acompanhadas por novas maneiras de integração.

Especificamente no que concede as sociedades, para Spencer, a História demonstra a diferenciação progressiva das mesmas: *de pequenas coletividades nômades, homogêneas, indiferenciadas, sem qualquer organização política e de reduzida divisão de trabalho, as sociedades tomam-se cada vez mais complexas, mais heterogêneas, compostas de grupos diferentes, mais numerosos, onde a autoridade política se toma organizada e diferenciada*, aparecendo uma multiplicidade de funções económicas e sociais exigindo maior divisão de trabalho. Obras mais importante: *Princípios de sociologia* (1876-1896) e *O estudo da sociedade* (1873).

Karl Marx: Fundador do materialismo histórico, Karl Marx (1818-1883) na realidade um filósofo social e economista alemão, contribuíram para o desenvolvimento da Sociologia, *salientando que as relações sociais decorrem dos modos de produção (fator de transformação da sociedade), numa tentativa de elaborar uma teoria sistemática da estrutura e das transformações sociais.*

O postulado básico do marxismo é *o determinismo econômico*, segundo o qual o fator econômico e determinante da estrutura do desenvolvimento da sociedade. *O homem, para satisfazer suas necessidades, atua sobre a natureza, criando relações técnicas de produção.* Todavia, *essa atuação não é isolada: na produção e distribuição necessárias ao consume, o homem relaciona-se com outros seres humanos, dando origem as relações de produção. O conjunto dessas relações leva ao modo de produção. Os homens desenvolvem as relações técnicas de produtivo através do processo de trabalho* (força humana e ferramentas), dando origem a forças produtivas que, por sua vez, geram um determinado sistema de produção (distribuição, circulação e consume de mercadorias); *o sistema de produção provoca uma divisão de trabalho (proprietários e nao-proprietarios das ferramentas de trabalho ou dos meios de produção) e o choque entre as forças produtivas e os proprietaries dos meios de produção determinam a mudança social.*⁷

Para Marx, *a sociedade divide-se em infra-estrutura e supra-estrutura. A infra-estrutura e a estrutura econômica, formada das relações de produção e forças produtivas. A supra-estrutura divide-se em dois níveis: o primeiro, a estrutura jurídico-política, é formado pelas normas e leis que correspondem*

⁷ Ibidem, pp:47-48

a sistematização das relações já existentes; *o segundo, a estrutura ideológica* (filosofia, arte, religião etc.), justificativa do real, e formado por um conjunto de ideias de determinada classe social que, através de sua ideologia, defende seus interesses. Sendo a infra-estrutura determinante, toda mudança social se origina das modificações nas forças produtivas e relações de produção.⁸

De acordo com esta teoria, Marx, juntamente com Engels, chegou a uma classificação de sociedades segundo o tipo predominante de relações de produção: a comunidade tribal, a sociedade asiática, a cidade antiga, a sociedade germânica, a sociedade feudal, a sociedade capitalista burguesa (comercial; manufatureira e industrial; financeira e colonialista) e a sociedade comunista sem classes (que se instalaria através da ditadura do proletariado). Obra principal: O capital (1867-1895).

1.5. DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA

Émile Durkheim (1858-1917) Frances, *e considerado por muitos estudiosos o fundador da Sociologia como ciência independente das demais Ciências Sociais*. Ao preconizar o estudo dos *factos sociais como "coisas"*, através de regras de rigor cinético, determinou seu objeto, próprio dos estudos sociológicos e sua metodologia. Sua primeira obra, *A divisão do trabalho social* (1893), combate certas ideias de Spencer e enuncia dois princípios básicos: consciência coletiva e solidariedade mecânica e orgânica.

Por consciência coletiva entende-se a soma de crenças e sentimentos comuns a média dos membros da comunidade, formando um sistema autônomo, isto é, uma realidade distinta que persiste no tempo e une as gerações. A consciência coletiva envolve quase que completamente a mentalidade e a moralidade do indivíduo: o homem "primitivo" pensa, sente e age conforme determina ou prescreve o grupo a que pertence. Durkheim *acusa a existência, em cada indivíduo, de duas consciências, a coletiva e a individual; a primeira, predominante, compartilhará com o grupo; a segunda, peculiar ao indivíduo*.

As "primitivas" coletividades humanas são caracterizadas pela solidariedade mecânica, que se origina das semelhanças entre os membros individuais. Para a manutenção dessa igualdade, necessária a sobrevivência do grupo, deve a coerção social, baseada na consciência coletiva, ser severa e repressiva. Essas sociedades não podem tolerar as disparidades, a originalidade, o particularismo, tanto nos indivíduos quanta nos grupos, pois isso significaria um processo de desintegração.

O princípio de divisão do trabalho está baseado nas diversidades das pessoas e dos grupos e se opõe diretamente a solidariedade por semelhança. A divisão do trabalho gera um novo tipo de solidariedade, baseado na complementação de partes diversificadas. O encontro de interesses complementares cria um laço social novo, ou seja, outro tipo de princípio da sociedade, com própria, e que dá origem a uma nova organização social. Durkheim denomina de solidariedade orgânica esta solidariedade. Não mais asseada

⁸ Ibidem, pp:48-49

nas semelhanças de indivíduos e grupos, mas na sua independência. Sendo seu fundamento a diversidade a solidariedade orgânica implica maior autonomia com uma consciência individual mais livre.⁹

Em 1895, Durkheim publica *As regras do método sociológico*. 'E o seu tratado mais importante, pois estabelece as regras que devem ser seguidas na análise dos fenômenos sociais. Para esse autor, a primeira regra, fundamental, relativa à observação dos fatos sociais, consiste em considera-los como "coisas". Somente assim, desvinculada de concepções filosóficas e não subordinada às noções biológicas e psicológicas, a Sociologia pode manipular, com finalidade de estudo e análise os fenômenos sociais. "Coisas" opõem-se a "ideias", como as coisas exteriores se opõem as interiores.

Ao escolher seu método de pesquisa, o sociólogo deve selecionar um grupo de fenômenos cujos caracteres exteriores comuns sejam previamente definidos, e analisar todos os que correspondam a esta definição. Ainda mais, sabendo-se que uma mesma causa da origem a um mesmo efeito, a explicação de um fato social complexo requer o conhecimento de seu desenvolvimento através de todos os tipos de sociedades. Na análise dos fenômenos sociais como "coisas", o pesquisador deve abandonar as pré-noções e a pressuposição do significado ou caráter de uma política ou instituição social. Deve ser objetivo e estabelecer, através da investigação, o próprio significado do fenômeno estudado, dentro da sociedade particular em pauta. Deve considerar somente os fenômenos que se apresentam isolados de manifestações individuais.

Durkheim, ao estabelecer as regras de distinto entre o normal e o patológico, propôs um fato social e normal, para um tipo social determinado, quando considerado numa determinada fase de seu desenvolvimento, desde que se apresente na média das sociedades da mesma categoria, e na mesma fase de sua evolução. Esta regra estabelece uma norma de relatividade e de objetividade na observação dos fatos sociais, como foi ilustrado em sua obra sobre o suicídio. Demonstra, também, que certos fenômenos sociais, tidos como patológicos, só o são a medida que ultrapassam uma taxa dita "normal", em determinado momento, em sociedades de mesmo nível ou exigido de evolução (Ibim).

Max Weber (1864-1920) era alemão. *Obras principais: A ética protestante e o espírito do capitalismo (1905) e Economia e sociedade, publicação póstuma (1922)*. Segundo Max Weber, a Sociologia e o estudo das interações significativas de indivíduos que formam uma teia de relações sociais, sendo seu objetivo a compreensão da conduta social. Esta ênfase dada a compreensão subjetiva levou Weber a definir acção social como a conduta humana, pública ou não, a que o agente atribui significado subjetivo. Para Weber, a conduta social se apresenta em quatro formas ou categorias:

- A conduta tradicional, relativa às antigas tradições;

⁹ Ibidem, p.54

- A conduta emocional, reação habitual ou comportamento dos outros, expressando-se em termos de lealdade ou antagonismo;
- A conduta valorizadora, agindo de acordo com o que os outros indivíduos esperam de nós;
- A conduta racional-objetiva, que consiste em agir segundo um plano concebido em relação a conduta que se espera dos demais.

A contribuição de Max Weber a metodologia foi a distinção preconizada entre o método científico de abordar os dados sociológicos e o método do valor-julgamento: a validade dos valores e um problema de fé, não de conhecimentos e, em consequência, as Ciências Sociais devem libertar-se dos valores principal objetivo da análise sociológica e a formulação de regras sociológicas. Weber desenvolveu um instrumento de análise dos acontecimentos ou situações concretas que exigia conceitos precisos e claramente definidos - a tipa ideal. Quando a realidade concreta e estudada desta forma, torna-se possível estabelecer relações causais entre seus elementos. Sua obra A ética protestante e o espírito do capitalismo permite verificar esta relação.

Por "espírito", o autor entendia um sistema de máximas de comportamento humano. Estudando as sociedades capitalistas ocidentais e depois confrontando seus dados com estudos realizados na China e na Índia, Weber chegou a conclusão de que o surgimento do capitalismo não é automaticamente assegurado só por condições econômicas específicas; deve haver pelo menos uma segunda condição. Essa condição deve pertencer ao mundo interior do homem, isto é, existe forçosamente um poder motivador específica, qual seja a aceitação psicológica de ideias e valores favoráveis a essa transformação.

Outros sociólogos desta era são: Ferdinand Tönnies (1855-1936); Gabriel Tarde (1843-1904); Charles H. Cooley (1846-1929); Georg Simmel (1858-1918). Vilfredo Pareto (1848-1923); Pitirim A. Sorokin (1889-1968); Talcott Parsons (1902); Merton (1910) Norte-americana.

2. A SOCIOLOGIA COMO CIÊNCIA SOCIAL

Os *factos sociais* designam-se por qualquer situação, relação, acontecimento ou realidade que, de uma forma ou de outra, exprimem um determinado aspecto da vida social.

*Facto social é, pois aquele que decorre da nossa vida em sociedade é interação dos homens no espaço e no tempo. Esta interação caracteriza-se por determinadas regularidades, isto é, na regularidade subjacente na forma como as pessoas se comportam e nas relações que mantêm umas com outras. Assim sendo, a Sociologia estuda os factos sociais, as interações sociais, interessam-lhe as regularidades sociais.*¹⁰

¹⁰ Ibidem, pp: 52-66

2.1. O SOCIAL E O SOCIÓLOGO

O social refere-se a *tudo o que é característica da vida em sociedade*. Ou seja, refere-se à fenómenos da ordem do real, ao real social concreto, ao processo real da vida social.

Enquanto que o *sociólogo é a perspectiva de abordagem do real próprio da sociologia*. Forma de o pensamento abordar a realidade social através de um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas, processo de conhecimento científico da vida social. Ou seja, o sociólogo é aquele que pratica as abordagens sociológicas, através de métodos e técnica científica virada na área da Sociologia.

2.2. CONCEITO E OBJECTO DA SOCIOLOGIA

Para Giddns a Sociologia *é o estudo da vida social humana, grupos e sociedades*. É uma tarefa fascinante e constrangedora, na medida em que o tema de estudo é o nosso próprio comportamento enquanto seres sociais. A esfera de acção do estudo sociológico é extremamente abrangente, podendo ir da análise de encontros casuais entre indivíduos que se cruzam na rua até à investigação de processos sociais globais.

Para Weber a Sociologia *é a ciência que pretende entender, interpretando-a a acção social dessa maneira a explicar causalmente o seu desenvolvimento e efeitos*.

De acordo o dicionário de Sociologia, a Sociologia *é uma ciência de observação que estuda de modo positivo o conjunto dos fenómenos, estruturas, instituições, grupos, poderes, relações de força, relações e comportamentos, que se manifestam pelo facto de os homens viverem em sociedade*.

1.3. OBJECTO DE ESTUDO

Uma ciência caracteriza-se pelo seu objecto e pelos seus métodos. Quanto a Sociologia, *o seu objecto se encontram no exame dos fenómenos coletivos, através de teorias e métodos próprios*. À medida que reconhecemos a categoria de ciência a Sociologia, há uma exigência maior de objetividade na análise desses fenómenos. *Nem todos os autores estão de acordo com relação ao objecto da Sociologia, envolvendo uma diversificação teórica*. Podemos destacar três notáveis conceituações nas teorias de Durkheim, Weber e Parsons

O sociólogo **Émile Durkheim** descreve *o facto social, como objecto do estudo da sociologia*. Qualificou, com efeito, o fato social *como uma "coisa"*, e preconizou que, para estudá-lo, *fossem aplicados os métodos e processos isto e, os recursos experimentais empregados nas ciências exatas*. Para a explicação do fato social havia a necessidade, segundo ele, de investigação das causas sociais e não meramente históricas psicológicas e biológicas.¹¹

Dicionário de Sociologia[.]

¹¹Lakatos e Marconi,2014:pp:67-68

Giddns,2009,*Sociologia*,p18.

O Pensador francês, em defesa do seu posto de vista, apresenta uma definição clara, compreensível e mesmo correta: *“facto social é toda maneira de agir, fixa ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção” exterior, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando. Uma existência própria, independente das manifestações individuais que passa.*

2.4. CARACTERÍSTICAS DO FATO SOCIAL

De sua definição pode tirar as características específicas do fato Social:

- **Exterioridade**, em relação às conseqüências individuais;
- **Coercividade**, a coerção que o fato social exerce ou é susceptível de exercer sobre os indivíduos;
- **Generalidade**, em virtude de ser comum ao grupo ou a sociedade.

Exterioridade o conceito de exterioridade dos fatos sociais baseia-se na concepção · durkheimiana de consciência coletiva, para ele definida *como o conjunto das maneiras de agir, de pensar e de sentir, comum a média dos membros de determinada sociedade e que compõe a herança própria dessa sociedade.* Essa herança persiste no tempo, transmitindo-se de geração para geração. As maneiras de agir, de pensar e de sentir são exteriores as pessoas, porque as precedem, transcendem e a elas sobrevivem.

Coercitividade as normas de conduta ou de pensamento são, *além de externas aos indivíduos, dotadas de poder coercitivo, porque se impõem aos indivíduos, independentemente de suas vontades.* Quando, *através da educação, aceitamos como validas as maneiras de agir, de pensar e de sentir de nosso grupo, conformando-nos com elas, de bom grado, não sentimos essa coerção, pois ela se torna, então, inútil, o que não significa que deixe de existir. A força coercitiva aparece assim que tentamos opor resistência a mesma.*

Generalidade a consciência coletiva, isto é, *o conjunto das maneiras de agir, de pensar e de sentir, é característica geral de determinado grupo ou sociedade;* clarificação particular a uma sociedade e permitirá distinguir, por exemplo, um brasileiro de um boliviano. Entretanto, Durkheim reconhecia a existência de duas consciências, sendo que a segunda, a consciência individual, se manifesta através dos traços de caráter ou de temperamento e de acúmulo das experiências pessoais, o que permite uma relativa autonomia no uso e na adaptação das maneiras de agir, de pensar e de sentir.¹²

Max Weber, quando conceitua *de modo subjetivo a acção social- objecto da Sociologia*, baseia-se *em critérios internos dos indivíduos participantes.* Weber considerava que as Ciências Sociais tinham certas vantagens sobre as Ciências Naturais, havendo a possibilidade de uma espécie de compreensão, baseada no fato de que os seres humanos são directamente conscientes das suas acções. *A acção social,*

Ibidem, pp: 52-6

¹² Ibidem, pp:68-72

segundo o autor, *seria a conduta humana, pública ou não, a que o agente atribui significado subjectivo; acentua a importância de ser a acção social uma espécie de conduta que envolve significado para o próprio agente.*¹³

2.5. CARACTERIZAÇÃO DA ACÇÃO SOCIAL

Para Weber (1974:21-2), a acção social, da mesma maneira que toda acção, pode ser:

- *Racional, visando aos fins:* O indivíduo atua racionalmente, visando aos fins, quando orienta sua acção pelos fins, meios, ou consequências envolvidas, comparando racionalmente os meios com os fins, os fins com as consequências envolvidas, e os diferentes fins possíveis entre si.
- *Racional, visando aos valores:* Atua estritamente de modo racional, visando aos valores, àquele que, sem levar em consideração as consequências previsíveis, age baseado em suas convicções sobre o dever, a dignidade, a beleza, a crença religiosa, a piedade, ou em nome de uma "causa".
- *Afectiva:* especialmente emotiva determinada por afectos e estado sentimental. Ou seja, atuação de um indivíduo é afetiva quando satisfaz sua necessidade premente de vingança, prouwer, contemplação mística, ou da razão as suas paixões.
- *Tradicional:* determinada por um costume arraigado. A acção rigorosamente tradicional encontra-se no limite (e muitas vezes além dele) daquilo que se pode denominar uma acção com sentido. Pois, em geral, não representa mais do que uma obscura reacção a estímulos habituais, que tendem na direcção de uma atitude arraigada.

Talcott Parsons sofreu forte influência de Max Weber na definição do objecto de estudo da Sociologia: *a acção social*. Ao expor um esquema de referência para o estudo da acção, Parsons *distinguiu três elementos imprescindíveis: o agente (ator), a situação e a orientação desse agente em relação a situação*. Analisando a orientação do agente, dividiu-a em dois componentes: Orientação motivacional e orientação de valor.

2.6. CARACTERÍSTICAS

Por sua vez, a situação em que este integrado o agente (ator) é composta de:

- **Objectos físicos**, meios e condições da acção;
- **Objectos sociais**, outras pessoas (**alter**) e
- **Objectos culturais**, elementos simbólicos da tradição cultural.

¹³ Ibidem, pp:72-78

2.7. OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS PARA INDIVÍDUO LICENCIADO EM SOCIOLOGIA PELO ISCED

O perfil de saída dos indivíduos formados em Sociologias nesta instituição são:

- Lecionar a disciplina de Sociologia e outras afins em instituições do ensino médio e superior;
- Trabalhar na administração pública, em empresas, e em organizações não governamentais, nas áreas relacionadas com actividade laboral e de recursos humanos;
- Participar em Projectos de investigação social.¹⁴

3. O MÉTODO ESPECÍFICOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

método e um conjunto de regras úteis para a investigação, e um procedimento cuidadosamente elaborado, visando provocar respostas na natureza e na sociedade, e, paulatinamente, descobrir sua lógica e leis. Cada ciência possui um conjunto de métodos.

Por sua vez, *técnica engloba preceitos ou processos de que se serve uma ciência: consiste na habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte pratica.* Na obtenção de seus propósitos, toda ciência utiliza inúmeras técnicas.

A sociologia *emprega, em suas investigações, vários métodos e técnicas científicas, na maioria dos casos usados concomitantemente.* A questão da metodologia é importante quando se analisa o quadro de referenda utilizado: este pode ser compreendido como uma totalidade que abrange dada teoria e a metodologia específica dessa teoria.

A teoria é considerada toda generalização relativa à fenómenos físicos ou sociais, estabelecida com o rigor científico necessário para que possa servir de base segura à interpretação da realidade; metodologia, por sua vez, engloba métodos de abordagem e de procedimento (como veremos mais adiante) e técnicas.

- **O Método de abordagem:** Método indutivo, método dedutivo, método hipotético-dedutivo e o método dialético;
- **Os Métodos de procedimento:** Método Histórico, Método Comparativa, Método Monográfico, Método Estatístico, Método Tipológico, Método Funcionalista e o Método Estruturalista.

3.1. TÉCNICAS DE PESQUISA DA SOCIOLOGIA

➤ *Documental.* Fonte primaria: arquivos públicos e particulares, estatísticas oficiais, censos, Livro do Tombo etc.; fonte secundaria: obras e trabalhos elaborados, jornais, revistas e outros.

¹⁴ Ibidem, pp: 33-41

- *Sociometria*. Apresentada pela primeira vez por J. L. Moreno. Descrição quantitativa das relações interpessoais visando descobrir, principalmente, os padrões de liderança. Lida com a estrutura interna dos grupos sociais e estuda as formas complexas que emergem das forças de atração e repulsão entre os membros do grupo.
- *História de Vida*. Consiste em obter todos os dados referentes a determinada Pessoa, em todas as fases de sua vida.
- *Entrevista*. É o contacto directo entre o pesquisador e o informante para, através da conversação, obter informações pertinentes. Pode ser:
 - **Dirigida**, quando segue um roteiro.
 - **Não dirigida ou livre**, quando leva o entrevistado a manifestar espontaneamente suas ideias.
- *Questionário*. Visa levantar dados através de uma série organizada de Perguntas escritas, cujas respostas serão fornecidas pelo pesquisado sem contacto directo com o investigador.
- *Formulário*. é uma técnica semelhante a anterior, só que é o investigador quem faz as perguntas e anota as respostas, podendo ampliar os dados com observações complementares.
- *Observação* pode ser:
 - **Sistemática**, quando o pesquisador, durante determinado período de tempo, observa sistematicamente as fenómenos de seu interesse no grupo que escolheu para a pesquisa. Pode ser **directa**, quando observa as pates pessoalmente no local de trabalho; **indirecta**, feita através de outras pessoas;
 - **Participante**, quando o especialista procura incorporar-se ao grupo que estuda, ganhando sua confiança e participando de suas formas de vida, podendo ou não revelar sua condição de observador.
- *Cartográfica*. Quando o pesquisador usa mapas, cartas, desenhos, gráficos, tabelas e outros, para tornar expressivos dados complexos. Cada método implica o emprego de várias técnicas (Lakatos e Marconi).¹⁵

4. CULTURA E ETNICIDADE

Alguns conceitos, para melhor esclarecimento, serão apresentados aqui, obedecendo a uma ordem cronológica e com as diferentes abordagens.

Taylor foi o primeiro a formular o conceito de *cultura*, em sua obra *Cultura primitiva*. Ele propôs: "*Cultura é aquele todo complexam que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade*" O conceito de Taylor, que engloba todas as coisas e acontecimentos relativos ao homem, predominou no campo da antropologia durante várias décadas.

4.1. ELEMENTOS DA CULTURA

A cultura tem ao todo dois elementos estão presentes em todas as culturas do mundo.

¹⁵ *Edward B. Tylor* (Lakatos e Marconi, 2013:131)

Ibidem, pp: 33-41

- Elemento material: Vestes, tranças, materiais dos soberanos, estátuas, obra de arte etc.
- Elemento espiritual: Cânticos, ritos, mitos etc.

4.2. CONCEITO DE POVO E ETNIA

Povo *refere-se a um agrupamento humano com cultura semelhante (língua, religioso, tradições) e antepassados comuns; supõe certa homogeneidade e desenvolvimento de relações espirituais entre si.* Exemplos: os judeus, antes do estabelecimento do Estado de Israel; os ciganos, drusos, os bascos e outros. Também pode ser entendido como um conjunto de pessoas conscientizadas de seus direitos e deveres integra em seus grupos sociais.

4.3. CONCEITOS DE ETNIA

Segundo Carvalho O conceito de etnia foi definido como *um agrupamento de pessoas que se identificam umas com as outras (ou são assim identificadas por terceiros), com base em semelhanças culturais ou biológicas, reais ou presumidas.*

De acordo com Taylor e Smith Etnia é um termo derivado do grupo ethnos para designar povo, nação. Durante muito tempo, foi de uso exclusivamente eclesiástico. Neste contexto, e por oposição aos cristãos, o termo designava os povos pagãos ou gentios que eram chamados de nações e povos, na linguagem secular.¹⁶

O conceito de etnia vem ganhando espaço cada vez maior nas ciências sociais a partir das crescentes críticas ao conceito de *raça* e, em alguns casos, ao conceito de *tribo*. Apesar disso, é ainda considerado por muitos uma noção pouco definida.

Em suma, a etnia define-se, *geralmente, como uma população designada por um nome (etnónimo), que se reclama de uma mesma origem, que possui uma tradição cultural comum, especificado por uma consciência de pertença ao mesmo grupo cuja unidade se apoia em geral numa língua, num território e numa história idênticos.* Contudo, cada um destes critérios deve ser ponderado. O etnónimo pode ter sido um reagrupamento operado pelas necessidades da administração colonial. O nome pelo qual um grupo se designa valorizando-se pode diferir daquele pelo qual os vizinhos o designam.

4.4. ESPAÇOS SOCIOCULTURAIS, E COMUNIDADES ÉTNICAS EM ANGOLA

A distribuição étnica segundo José Redinha apresenta três espaços socioculturais, a saber:

¹⁶ Segundo Carvalho [Cit. Maria 2015:].

Taylor e Smith [Ibidem,pp:]

José Redinha [Ibidem,pp:]

- **Bantu:** Quicongo (kikongu), Quimbundu (Mbundu ou Tymbundu), Lunda-Quioco (Lunda-Tshokwe), Umbundo (Ovimbundu), Ganguela (Ongagela), Nhaneka-Humbe (Va-nyaneka-Lumkumbi), Ambo (Vaambo ou Xicuanyama), Herero (Tjiherero) e Xindonga (Os hindonga);
- **Koisan ou Hotentote-Bochimane;**
- **Vátwa ou Vatwa.**

Por seu turno, Victor Kajibanga preocupado com a abordagem do assunto numa perspectiva endógena, considera a existência de três espaços socioculturais, todos eles com características transnacionais, daí a razão de relevância que Victor Kajibanga dá a perspectiva endógena, nomeadamente:

- **Khoisan ou Hetentote-Buchimane:** kede, Nkung, Bochimane e Kazama;
- **Vátwa ou pré-Bantu:** Cuissis e Cupes;
- **Bantu:** Ovimbundu (Umbundu), Ngangela, Ovambo, Nyaneka, Nkumbi, Helelo, Axindongo e Luba.¹⁷

5. ORGANIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL

5.1. INTERAÇÃO SOCIAL

Interação social é a ação social, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contacto. Distingue-se da mera interestimulação em virtude envolver significados e expectativas em relação às ações de outras pessoas. Podemos dizer que a interação é a reciprocidade de ações sociais. Ou seja, é compreendida como reciprocidade de ações sociais.

5.2.O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

Socialização é o processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, integrando-os na estrutura da sua personalidade sob a influência de experiências de agentes sociais significativos, adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver.

Portanto é através do processo de socialização que o indivíduo ao longo da sua vida adquire característica que o identificam como membro de uma sociedade. A principal função da socialização é inserir o indivíduo nos grupos ou nos principais agentes.

Ela classifica-se em socialização:

¹⁷ Victor Kajibanga, 2003, p.130

Maria, 2015, p.

Lakatos e Marconi, 2013: p

ROCHER Guy, 1989, 'Sociologia', vol. I, Lisboa, Presença,

*Socialização primária

*Socialização secundária

- A socialização primária é aquela que ocorre fundamentalmente durante o período da infância. É nesta fase onde a criança aprende com os outros, seguindo os modelos sociais, os hábitos alimentares, a higiene, as regras de linguagem, o relacionamento, é neste período que ela deve mudar o seu comportamento.
- A socialização secundária compreende também o processo de integração do indivíduo, nas situações sociais onde ao longo da vida deve-se fazer constantemente adaptações a novas situações.

5.5. AGENTES DE SOCIALIZAÇÃO

Agentes de socialização são grupos ou instituições que nos interiorizam um determinado papel social. Estes transmitem valores, normas corretas válidas num determinado sujeito. Entre os agentes da socialização *'família, a escola, igreja, empresa os meios de comunicação social, o trabalho, a comunidade onde vivemos etc.'*¹⁸

6.6. PAPEL SÓCIA E POSIÇÃO SOCIAL

Papel social é o padrão de comportamento esperado e exigido de pessoas que ocupam determinado status. Portanto, as maneiras de comportarem-se, esperadas de qualquer indivíduo que ocupe certa posição (status), constituem o papel associado com aquela posição.

As relações entre Status e Papel, ao considerarmos determinado status (por exemplo, o de pai), vamos verificar que se pode aplicar o termo papel a três níveis:

- Comportamento esperado dos pais em determinada sociedade.
- Comportamento adoptado por determinado individuo (consciente ou inconscientemente) ao desempenhar seu papel de pai.
- Comportamento total desse mesmo individuo nos seus diversos relacionamentos como pai.

5.7. TIPOS DE PAPÉIS

Há a considerar o ajustamento do indivíduo aos papéis que deve desempenhar o que se dá de dois modos: atribuído e assumido.

- **Atribuído.** Quando são conferidos externamente ao indivíduo; de acordo com o tipo de papel social, esta atribuição pode efetuar-se de duas maneiras: **automaticamente**, com certos papéis familiares que não dependem da decisão do indivíduo - filho, irmão, primo, tio, avo; **Intencionalmente**, na adopção de um filho.

¹⁸ Ibidem, 1989

- **Assumido.** Quando se assume um papel voluntariamente, por decisão pessoal. Exemplo: casar-se, seguir uma profissão, estudar numa faculdade.

5.7. STATUS SOCIAIS

státus social é a posição do indivíduo em função dos valores sociais correntes na sociedade, de acordo com o julgamento colectivo ou consenso de opinião do grupo. Pode apresentar-se como status legal e/ou social. Status legal é uma posição caracterizada por direitos (reivindicações pessoais apoiadas por normas) e obrigações (deveres prescritos por normas), capacidades e incapacidades, reconhecidas pública e juridicamente, importantes para a posição e as funções na sociedade. *Na sociedade, duas são as principais formas pelas quais o indivíduo obtém seu status:*

- **Atribuído** por circunstâncias que independem da sua vontade.
- **Adquirido** através de suas qualidades, capacidades e habilidades especificam. Depende do esforço e do aperfeiçoamento pessoal. Por mais rígida que seja a estratificação de uma sociedade e os numerosos status atribuídos, há sempre a possibilidade de o indivíduo alterar o seu status através de habilidade, conhecimento e capacidade pessoal. Esta conquista do status deriva, portanto, da competição entre pessoas e grupos, e constitui vitória sobre os demais.

Os factores que influenciam no *státus* sociais são: *Parentesco, riquezas, utilidade funcional (ocupação), educação, religião e factores biológicos (características biológicas).*¹⁹

5.3. EDUCAÇÃO COMO TEMA DA SOCIOLOGIA

A educação interessa a duplo título as ciências sociais e mais particularmente a sociologia: sejam quais forem os costumes, os usos e os modos de pensamento dos povos, numa palavra, a sua cultura, esta é primeiramente transmitida; por outro lado, esta transmissão faz-se pela mediação de instituições, algumas das quais desempenham um papel social crescente. Este duplo aspecto pode recobrir uma clivagem disciplinar: etnólogos e psicossociologias interessar-se-ão mais pela transmissão e seus efeitos individuais; economistas e sociólogos, pelo funcionamento das instituições e pelo seu contexto social. Mas trata-se de pistas que, segundo a época e o ponto de vista, caminharão em paralelo ou misturarão o seu curso.

O ponto de vista da sociologia da educação revela tal confluência; para E. Durkheim a educação é um fenómeno social fundamental: o meio social "tende a modelar a criança à sua imagem". Simultaneamente, é obra 156 de instituições históricas que, como a escola, integra o homem moderno em toda a espessura de uma tradição.

¹⁹ Ibidem,2013,pp:

Mollo J.-M. B.,1986,Dicionário de Sociologia.

A aliança da psicanálise, da psicologia social e da antropologia vai, num primeiro tempo, promover a primeira pista. A modelação evocada por Durkheim pode encontrar ecos na restrição social das pulsões e contribuir para orientar a investigação para o papel desempenhado pelas diversas culturas na constituição de personalidades específicas. Esta direcção foi nomeadamente, entre as duas guerras, a da antropologia cultural americana.

A segunda pista era pouco seguida durante o mesmo período. Faltava-lhe, sem dúvida, o estímulo de uma pressão social que, pouco tempo após a Segunda Guerra Mundial, se tornou cada vez mais forte. Os anos 50 assistiram à implantação de um fenómeno cuja amplitude não deixará de aumentar: a escolarização de massa. Caracterizada pelo aumento contínuo dos efectivos escolares e pelo prolongamento crescente da escolaridade, está ligada a diversas causas: modificação do equilíbrio dos grandes sectores económicos e emergência poderosa do terciário; elevação geral do nível de vida nos países industrializados e crescimento dos investimentos escolares; desejo de ruptura das barreiras sociais e promoção de ideais democráticos.²⁰

Mas, muito rapidamente, este crescimento escolar revela profundas inaptações: os sistemas escolares europeus datam do séc. XIX e apresentam-se já vetustos; repelem ainda milhares de jovens saídos dos meios populares quando faltam, de facto, técnicos, engenheiros, quadros, professores; privilegiam uma cultura humanista no exacto momento em que a indústria requer competências técnicas. Mas, para além de tais verificações, transparece a urgência de conhecer melhor a escola e o seu funcionamento, a fim de poder agir sobre ela e transformá-la. Em menos de quinze anos, sucederam-se inquéritos e reformas escolares na maior parte dos países industrializados, que fornecem à sociologia da educação um novo impulso e matéria renovada.

Os inquéritos de demografia escolar (INED, 1970) revelam a selecção social operada pelos vários sistemas escolares e a confusão de competências que isso representa. Democratizar a escola torna-se então a palavra-chave das reformas. Mas, uma vez estas implantadas, as transformações revelam-se lentas e de pouco efeito: será de facto a escola um instrumento de democratização? A sua função social profunda não será antes reproduzir as desigualdades inerentes a uma sociedade de classes

Algumas reencontram a confluência originária das pistas: a escola reproduz as desigualdades sociais difundindo uma cultura de classe que modela os indivíduos no mais profundo e que estabelece como legítimas as desigualdades

Outras, inversamente, aplicam a este campo um modelo de análise saído da economia: os indivíduos são actores que procuram rendibilizar o melhor possível o seu investimento escolar; os factores de conjunto verificados resultam da agregação de múltiplas decisões individuais no seio do espaço social definido pela escola.

²⁰ Mollo J.-M. B., 1986, Dicionário de Sociologia.

Entretanto, a escolarização impõe-se em cada situação como objecto privilegiado da sociologia da educação. Os anos 80 registam uma nova evolução: a escolarização de massa parece ter transformado os sistemas escolares em monstros impossíveis de gerir, que segregam o fracasso e a incompetência; mas, simultaneamente, os novos rigores do ambiente socioeconómico tendem a fazer apelo à escola ou às suas variantes para gerir a todos os níveis a formação ou a reciclagem de contingentes cada vez mais numerosos e diversos. Gigantismo escolar e multiplicação das funções criam assim uma opacidade e uma complexidade novas.

Segundo diversos pontos de vista, e com base em vários objectos, implanta-se então uma espécie de quadriculado dos sistemas de formação: ensino inicial e formação contínua, ensino geral e ensino profissional, itinerários de formação e processos de orientação, os trabalhos multiplicam-se, tendem muitas vezes, ao contrário das grandes construções anteriores, a penetrar no mais profundo das situações escolares concretas para aí captar tanto o seu modelo de construção social como a razão dos seus feitos Para definirmos melhor a educação, buscamos o conceito apresentado por Durkheim que definiu a *‘educação é a acção exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram preparadas para a vida social; tem como objeto suscitar e desenvolver, na criança, um certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina’*.²¹

5.4. A ESCOLA COMO AGENTE DE SOCIALIZAÇÃO

A escola é um lugar por excelência de transmissão de conhecimento, saberes, valores e de formação de atitudes que fortalecem a personalidade de indivíduo. Ela constitui um espaço social, que vem depois das experiências familiares, incidir a acção formativa da criança, pode assim dizer, que a escola é o primeiro cenário em que a criança aprende a ser o sujeito da vida social.

A instituição escolar nos tempos modernos enfrenta contradições e desafios ligados às suas principais funções e Objectivos na sociedade bem como os seus reais limites no campo de atuação. Nos dias de hoje, a escola encontra-se mergulhada numa diversidade de novas situações e exigências que chamam os actores sociais, professores e pais ou encarregados de educação e outros, a pararem num instante, para refletirem profundamente em torno da situação, pois desde os tempos remotos tem vindo a se afirmar como instituição que por excelência esta vocacionada para a formação da criança

Para Enoque a escola tem a missão de realizar a tarefa educativa por delegação da família, é uma responsabilidade que analisa as metas a alcançar num determinado período socializando-se com os autores

²¹ Ibidem, 1986,

Brito, 1994, p.8

Moreno, 2010, p.260

educativos que estão na escola e na sociedade onde a mesma está inserida com vista a formação integral do indivíduo.

5.5. A EDUCAÇÃO EM ANGOLA

Durante muitos anos na África pré-colonial, a educação não formal foi utilizada como um sistema de ensino ligado ao modo de vida das populações para a sua sobrevivência. No caso de Angola, apesar dos portugueses terem encontrado povos sem escrita, é de um reducionismo arcaico pensar que, os povos que habitavam Angola não praticavam a educação. Também não corresponde a uma verdade histórica afirmar que a educação nesta parte do continente começou com o processo colonial.²²

Os povos que habitavam o actual território angolano *desenvolvi*am uma 'educação natural', uma educação de sobrevivência, de acordo com o meio em que viviam. Este tipo de educação visada a transmissão de geração em geração, os contos, os valores culturais e as próprias experiências da vida através da tradição oral. Ou seja, esta forma de educação sem a escrita, já se praticavam em Angola, e não foi produto da colonização europeia porque a transmissão de valores de uma geração para outra, é uma forma de existência dos povos, pois, uma das tarefas fundamentais de todas as sociedades humanas organizadas é a transmissão, de geração em geração, de um modo coletivo de viver e de compreender o mundo, é a reprodução de um conjunto de normas sociais através das quais, os homens dão forma a sua existência NÓVOA.

DA EDUCAÇÃO INTERMITENTE AO ENSINO OFICIAL

Durante vários séculos da colonização portuguesa em Angola, o ensino esteve sob a responsabilidade das missões religiosas, sendo o ensino laico muito reduzido e praticado por algumas instituições não oficiais. Este ensino, para além de aspectos pontuais ligados ao saber contar escrever, assentava mais nas noções básicas da religião ocidental, contrapondo-se aos valores da religiosidade praticada pelos nativos angolanos que, era tida como não credível e pagã. Com o passar do tempo, instalaram-se também no território, algumas Missões Protestantes, que contribuíram para o ensino das primeiras letras as populações autóctones. Nos primeiros anos do século XIX, a educação laica era ainda muito limitada em Angola então estava por isso ao alcance de todos, só uma minoria de europeus abastados e da burguesia africana radicada principalmente em Luanda, podia frequentar algumas instituições e carecer privado que existiam no território, principalmente nos alguns erados de população colônia. Azevedo.

²² Vieira, Laurindo, 2007 p32.

Angola começou a prender a atenção dos homens do Governo, sobretudo a partir da data da independência do Brasil, pós que, esta vasta província africana deveria no entender de muitos, substituir a grande colónia sul-americana, ocupando no conjunto colonial, o lugar que o Brasil deixou Santos.

Quanto ao surgimento do ensino em Angola, Martins dos Santos refere que, o ensino oficial surge em Angola nos meados do século XIX, considerando-se como ponto de partida o decreto assinalado por Joaquim Falcão em 1845. Com esta legislação, o ensino oficial começou aos poucos a fazer parte da realidade angolana. Mais se tivermos em conta a data da chegada dos portugueses a foz do rio Zaire (1482) e a preocupação destes com as questões do ensino (1845) passaram-se três séculos para se preocupasse na implementação de um sistema de ensino público.²³

Segundo Santos apesar da existência de um ensino oficial em Angola, a situação da maioria da população africana em nada se alterou, pois um grande número continuava sem escolarização, uma vez que, o decreto de 1845 procurava dar satisfação às exigências da população civilizada. Procurou igualmente fixar a responsabilidade do Estado no campo educativo e organizou o ensino em dois graus: o elementar e o principal. Para além destas escolas evoluídas, também a possibilidade de haver uma escola rudimentar, que só em teoria poderiam viver, pois as condições eram-lhe francamente desfavoráveis.

No que respeito aos africanos (aqueles que podiam), o caminho para o conhecimento rudimentar das primeiras letras continuava a ser transmitido pelas missões religiosas, já que o acesso a outras instituições de ensino estavam-lhe vedada dada a condição social e política em que se encontravam. O ensino 'liceal' só teve início nos primórdios do século XX, mais concretamente a partir de Fevereiro de 1991, quando foi fundado o primeiro liceu de Lunda e da Província, o Salvador Correia. Desde a assinatura do decreto de José Falcão em 1845 até ao surgimento do 1º liceu passaram-se 74 anos. Para outros angolanos, restavam-lhe as escolas profissionais, onde faziam um curso de arte³ e ofício. O ensino profissional destinava-se fundamental para os africanos.

²³ NÓVOA, *Ibidem*, pp:32-46

EDUCAÇÃO E PODER NA REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

Neste período aos olhos das autoridades angolanas, a alfabetização era uma aposta de todo o povo, por isso, aqueles que sabiam ler e escrever eram recrutados para alfabetização que tinham a missão de ensinar os que não sabiam.

No plano político, dois anos após a independência de Angola, e num clima de grande euforia revolucionária, o MPLA realizou o seu 1º Congresso entre 04 a 10 de Dezembro de 1977, constituindo-se em Partido do Trabalho e lançando as bases para a implementação de uma nova sociedade assente na ideologia marxista-leninista. Para modelar a unidade nacional de Angola.

O NOVO SISTEMA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

Tendo o governo da república popular de Angola compreender a importância do sector no desenvolvimento do país, bem como da sua população, ocupou em um novo sistema de educação e do ensino que não englobasse nos seus objectivos e princípios os signos da política educacional colonial. É neste quadro que foi promulgada a Lei nº 4/75 de 09 de Dezembro de 1975, um mês após a independência que consagrava a nacionalização do ensino.

O novo sistema de educação e ensino organizava-se da seguinte forma:

- Um subsistema do Ensino de Base;
- Um Subsistema do Ensino Técnico-Profissional;
- Um Subsistema do Ensino Superior.²⁴

E o mesmo subsistema contava com a seguinte componente:

- Um ensino geral de base de oito classes;
- Um ensino pré-universitário estruturado em 4 semestres e com a duração de 2 anos e que vigorava/vigora como um sistema transitório para o Ensino Universitário;
- UM Ensino com duração de 4 anos e com dois ramos o Técnico e o Normal (ensino médio);
- E um Ensino Superior estruturado em Faculdade e Instituto Superiores, com a duração de 4/5 anos.

Tendo em conta a política e reforma, os manuais escolar da República Popular de Angola abordavam nos seus conteúdos valores como o ‘amor a pátria, a fidelidade aos objectivos da revolução’ e da construção do socialismo, alguns manuais enalteciam os combatentes do MPLA ‘considerados como heróis nacionais. Algumas disciplinas, como o caso da História de Angola, rapidamente se confundiram com a História do MPLA, e ensinada de acordo com a visão do Partido no poder. E o professor era então considerado agente de mudança social e pilar fundamental na construção do Homem Novo. Assistiu-se uma explosão escolar, a falta de infra-estruturas, materiais didáticos e de professores bem como de incentivo para os mesmos. Foi neste ambiente que, Angola recorre a cooperação internacional e nos primeiros anos a

²⁴ Ibim, 2007,pp:93-100.

seguir a Independência começaram a chegar os primeiros professores cubanos, bem como cooperação de países do Leste Europeu como Alemanha, Bulgária, Checoslováquia etc.

Em 1980 o Ministério da Educação fez sair um decreto-lei 40/80 de 14 de Maio estabeleceu uma nova estrutura do sistema de educação e ensino. A partir desta estrutura o Ensino de Base Regular passou a ter um total de 9 anos (ao contrário da estrutura anterior que contava com oito anos), com os seguintes níveis 'Iniciação (1 ano), I Nível (4 anos), II Nível (2 anos) e III Nível (2 anos) MED..

E finalmente foi elaborado um Ante-Projecto de Lei de Bases do Sistema Nacional de Educação e Ensino, que contava com:

- Subsistema de Educação Pré-escolar;
- Subsistema do Ensino Geral;
- Subsistema do Ensino Técnico Profissional;
- Subsistema de Ensino Superior.²⁵

ALGUNS ELEMENTOS SOBRE A EDUCAÇÃO NA 2ª REPÚBLICA

Com as mudanças que se operaram em nível do sistema político angolano, a partir de 1991, o campo educativo também ressentiu das mesmas, houve a necessidade de adaptá-lo a nova realidade sócio-política que se avizinhava. Um do aspecto neste campo foi o facto de do Estado ter perdido o monopólio deste sector, e admitir a existência de instituições de ensino particular, a partir do *Decreto-Lei 21/91 de 22 de Junho*.

A extensão do ensino privado foi apenas a extensão das antigas salas de explicação, que assim vão solicitar a sua legalização e por consequência o seu reconhecimento como privada. Algumas instituições religiosas vão solicitar a descolonização das suas antigas instalações. E com a carência com que se debate a educação, a proliferação de colégios privados principalmente na cidade de Luanda transformou-se no recurso alternativo para algumas crianças.

7. DESIGUALDADES SOCIAIS, EXCLUSÃO E POBREZA

No final do século XX, uma das maiores preocupações da humanidade foi à acentuada desigualdade que existe entre várias zonas do planeta. A desigualdade parece estar aumentada com o aceleração da globalização e da revolução científico- tecnológico. Os índices de desenvolvimento humano (IDH) divulgado periodicamente pela ONU (Organização das Nações Unidas) têm demonstrado que os países mais ricos estão se distanciando dos mais pobres, aumentando o fosso social que se separa o Norte do sul subdesenvolvido (Lakatos e Marconi).

²⁵ ____ 2007, pp:105-124

Segundo Roger Girod, *uma desigualdade social «consiste na repartição não uniforme, na população de um país ou de uma região, de todos os tipos de vantagens e desvantagens sobre os quais a sociedade exerce qualquer influência»*

7.2. ESTRUTURA SOCIAL

Para Radcliffe-Brown considera "*como parte da estrutura social todas as relações sociais de pessoa a pessoa*. No estudo da estrutura social, a realidade concreta de que cuidamos e o conjunto de relações realmente existentes, em dado momento, e que ligam certos seres humanos.

Morris Ginsberg Ginsberglimitou o termo *estrutura as relações mais permanentes nas sociedades*. Conceituou a estrutura social como "o complexo dos principais grupos e instituições que constituem as sociedades" Bottomore considera importante essa 'posição que demonstra a conexão entre relações sociais abstratas e os grupos sociais nelas envolvidos, ou que lhes dão origem. "Deste ponto de vista, o estudo da estrutura social pode ser empreendido em termos de disposições situacionais de relações entre grupos sociais, ou de ambos juntamente".²⁶

7.3. ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

O autor que mais recentemente se referiu à estratificação social foi Melvin M. Tumin. Esse sociólogo considera os termos desigualdade social e estratificação social como sinônimo. Seu conceito de estratificação ao compreender a "disposição de qualquer grupo ou sociedade numa hierarquia de posições desiguais com relação a poder, propriedade, valorização ao social e satisfação psicológica".

Segundo Lakatos *estratificação social é a diferenciação de funções ao mesmo tempo hierarquizada e avaliada de acordo com os critérios específicos de cada sociedade*, normalmente a estratificação apresenta a classificação de pessoas em grupos com base em condições socioeconómicas comuns, ou seja, um conjunto de relacional de desigualdades com as dimensões económicas, social, política e ideológicas.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO FENÔMENO DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Segundo o sociólogo Melvin Tumin, as principais características do fenômeno de estratificação social são:

1. Tem carácter social, isto é, padronizado:

- a) o sistema de estratificação não implica desigualdades biologicamente determinadas, mas padrões de superioridade e inferioridade socialmente atribuídos e definidos;
- b) a formação e a continuidade do sistema de estratificação fundamentam-se em normas e sanções;
- c) as normas são transmitidas através do processo de socialização;

²⁶ Ibim,2007, pp:181-183

Lakatos e Marconi, Apud Bottomore, 1965, p.98

_____,2013:pp149-150)

- d) todos os sistemas de estratificação apresentam um determinado grau de instabilidade, em consequência de mudanças;
- e) o sistema de estratificação recebe a influência de outros sistemas da sociedade: instituições familiares, políticas, religiosas, educacionais e econômicas, e influi, por sua vez, nesses sistemas.

2. É antigo, isto é, foi observado em todas as sociedades do passado. Fontes arqueológicas e registros históricos demonstram que nas sociedades humanas sempre houve estratificação social, mesmo nos grupos nômadas "primitivos", onde são encontradas em forma rudimentares diferenças relativas a sexo, idade e força física, ocorrendo depois as diferenças entre homens livres e escravos, ricos e pobres, nobres e plebeus, poderosos e humildes, etc.

3. É onnipresente. O fundamento do sistema de estratificação varia de sociedade para sociedade, mas deve ser assinalada a universalidade de uma forma socialmente estruturada e sancionada de desigualdade referente ao poder, propriedade e prestígio.²⁷

4. É diverso em suas formas. A diversidade de formas através das quais a desigualdade se exprime refere-se também a quantidade; sob este aspecto, teoricamente teríamos sociedades que se distribuem ao longo de uma linha graduada entre os extremos: um, em que todos os status fariam jus a iguais quantidades de poder, propriedade e prestígio; e outro, em que cada status teria direito a quantidades desiguais. (...)

5. Tem influência, isto é, as coisas mais importantes, mais desejadas e, frequentemente, mais escassas na vida humana constituem os materiais básicos que são desigualmente distribuídos. As consequências decorrentes dessa desigualdade aparecem em duas esferas principais:

- a) oportunidade de vida e b) estilos de vida.

OS SISTEMAS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Segundo Giddens por exemplo, considera que existiram historicamente «quatro sistemas básicos de estratificação nas sociedades humanas»: escravatura, castas ordens/estates ou (estamentos), e classes. As características básicas de cada um destes sistemas é o seguinte

- *Escravatura:* define-se por alguns indivíduos serem propriedade de outros. Este sistema historicamente muito antigo, é hoje inexistente foi gradualmente erradicada (umas das razões para este facto é, segundo o autor, a sua ineficiência) tendo que quase desaparecido do mundo actual.
- *Castas:* consiste numa forte segregação entre grupos, baseada em características culturais, étnicas ou raciais; este tipo de segregação exclui transferências individuais (por exemplo, por mobilidade social ou casamento) entre grupos diferentes, embora a posição «hierárquica» dos grupos possa variar. O sistema ainda existe, apesar de legalmente ter desaparecido, em algumas sociedades

²⁷ Melvin M. Tumin, Cit. Lakatos, 1990, pp:242

Anthony Giddens 'Sociologia, 2005, pp:234-236

contemporâneas (o caso típico é o da Índia: um sentido bastante amplo pode ser adoptado para descrever algumas das relações étnicas e raciais no mundo desenvolvido).

- *Ordens/estates ou (estamentos)*: fizeram parte de muitas civilizações tradicionais, incluindo o feudalismo europeu. Os estamentos feudais consistiam em estratos que possuíam diferentes obrigações e direitos entre si. Na Europa, o estamento mais alto era composto pela aristocracia e pela pequena nobreza, o clero formava outro estamento, e os plebeus (servos, mercadores e artesões) compunham o chamado “terceiro estamento”.²⁸
- *Classe*: sistema de estratificação típico das sociedades industriais contemporâneas, apresentando quatro diferenças em relação aos outros: as classes não são estabelecidas por regulamentações legais ou religiosas («sistema de classe são tipicamente mais fluido»); incluem uma importante componente de situação social «adquirida» (e não herdada); dependem de diferenças econômicas entre os indivíduos; as relações entre classes são de tipo «impessoal» (isto é, não dependem de laços pessoais directos, como noutros sistemas – por exemplo, a relação de vassalagem no sistema feudal). Em síntese, escreve Giddens que «devemos definir uma classe como um grupo alargado de indivíduos que partilham recursos económicos comuns, que influenciam fortemente o tipo de estilos de vida que podem desempenhar».

TIPOS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Para Sorokin as formas concretas de estratificação apresentam-se interdependentes e, por este motivo, podem ser reduzidas a três tipos fundamentais:

- ***Estratificação econômica*** - a desigualdade da situação econômica ou financeira dos indivíduos da origem a uma divisão em ricos e pobres, significando a existência da estratificação econômica. Onde há desigualdade econômica, esta estratificação real, concreta, que se manifesta no nível de vida, na posse de bens, aparece; pode surgir, portanto, nos diferentes tipos de sociedade, capitalista ou socialista, independentemente do tipo de organização política e forma de governo.
- ***Estratificação política*** - da mesma forma que há a desigualdade econômica entre os indivíduos, há a diversidade política em uma mesma sociedade, decorrente da distribuição não uniforme de poder, de autoridade (dirigentes e dirigidos), de prestígio, de honras e de títulos.
- ***Estratificação profissional*** - se as diferentes ocupações dos indivíduos na sociedade se apresentam hierarquizadas no que diz respeito à valorização social, ao grau de prestígio, significa que a sociedade possui estratificação profissional. Esta diferenciação em profissões mais ou menos apreciadas independe do facto de seus titulares ocuparem tal posição por nomeação ou eleição, por herança social ou por capacidade pessoal.

²⁸ Ibidem, 2005, pp: 234-236

Cit. Lakatos, 2013, p. 236

7.4. MOBILIDADE SOCIAL E CULTURAL- CONCEITO E TIPOS

Sorokin define mobilidade social e cultural da seguinte forma: “Por mobilidade social entende-se toda passagem de um indivíduo ou de um grupo de uma posição social para outra, dentro de uma constelação de grupos e estratos sociais”. Por mobilidade cultural entende-se um deslocamento similar de significados, normas, valores ou veículos.

7.5. MODALIDADE HORIZONTAL E VERTICAL

Em virtude da existência de duas classes fundamentais de dimensões no universo social, há dois tipos básicos de mobilidade social e cultural:

- *Modalidade social e cultural horizontal.* Significa a passagem de um indivíduo (Ou de significados, normas, valores, veículos) de um grupo social para outro, situado no mesmo nível ou estrato.
- *Mobilidade social e cultural vertical.* Significa a passagem de um indivíduo (ou de significados, normas, valores, veículos) de um grupo social para outro, situado em nível ou estrato diferente. ²⁹

A mobilidade vertical, de acordo com a direcção em que se dá a passagem ou trânsito, apresenta dois tipos:

- *Mobilidade social e cultural vertical ascendente:* Significando a ascensão ou promoção social;
- *Mobilidade social e cultural vertical descendente:* Significando descenso ou rebaixamento social.

7.6. CONCEITO DE EXCLUSÃO SOCIAL E POBREZA

Para Costa Entende-se por exclusão social, a fase extrema do processo de marginalização, que é um percurso descendente, ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade: ruptura em relação ao mercado de trabalho e ruptura familiares, efectivas e de amizade.

A exclusão social confunde-se por vezes, com o conceito de Marginalidade dado o sentimento semelhante que existe por parte dos indivíduos integrados perante um caso e outro.

A *exclusão* não é uma falha, uma característica do processo capitalística ou de outro regime político-ideológico: a exclusão é parte integrante do sistema social, produto do seu funcionamento; assim,

²⁹ Ibidems, 2013: 236

Costa ,Cit. Pedro de Cadro Maria,pp:20:26

Carvalho,Ibidem,p.26

Giddns,2008,p

Pité ,2004:p.58

²⁹ Carvalho,2008,p.26

sempre haverá mesmo teoricamente pessoas ou grupos sofrendo do processo de exclusão, podemos aqui nos referir aos homossexuais, aos transsexuais e travestis. Os conceitos de marginalização e de exclusão estão intrinsecamente ligados.

7.7. FORMAS E ÍNDICE DE EXCLUSÃO SOCIAL

Para Carvalho enumera cinco dimensões de exclusão:

- **1-Exclusão do tipo económico-** é caracterizado por uma situação de privação múltipla, por falta de recursos (pobreza);
- **2- Exclusão do tipo social** – é caracterizada pelo isolamento ou pela ausência de laços sociais;
- **3- Exclusão do tipo cultural-** tem a ver com dificuldade de integração, em consequência de fenómenos (xenofobia);
- **4- Exclusão de origens patológicas-** É designadamente de natureza psicológica ou mental;
- **5- Exclusão por comportamento Auto-destrutivo-** Como sejam o caso de alcoolismo tóxicos dependência ou prostituição.
- **6- Exclusão Política**³⁰³¹

7.8. FORMAS E FUNÇÕES DA POBREZA

O conceito de pobreza absoluta está enraizado na ideia de subsistência - as condições básicas que permitem sustentar uma existência física saudável. Diz-se que pessoas que carecem de requisitos fundamentais para a existência humana - tal como comida suficiente, abrigo e roupa - vivem em situação de pobreza. Considera-se que o conceito de pobreza absoluta é universalmente aplicável. Defende-se que os padrões de subsistência humana são mais ou menos os mesmos para as pessoas de idade e constituição física equivalentes, independentemente do local onde vivem. Pode afirmar-se que qualquer indivíduo, em qualquer parte do mundo, vive na pobreza se estiver abaixo deste padrão universal. Contudo, nem todos aceitam ser possível identificar tal padrão.

7.9. POBREZAS EM ANGOLA

Para Gidn “a pobreza é a dimensão económica da exclusão social”. a pobreza e a exclusão social são dois problemas sociais cada com sua dimensão. O conceito de exclusão social engloba a pobreza; mas o oposto não é válido, uma vez que todo pobre está socialmente excluído, mas nem todo excluído social é

³⁰ Ibidem,Cit. Pedro de Cadro Maria,pp:20:26

Carvalho (Ibidem,p.26)

Ibidem,2008,p

Ibidem ,2004:p.58

³¹ Ibidem,2008,p.26

necessariamente pobre. A pobreza é a dimensão material de um fenómeno mais vasto que é a exclusão social.

Pode se dizer-se que a estimativa de pobreza apontava em 1995 para dois terços dos angolanos residentes em área urbanas, 20% dos quais viviam em situação de extrema pobreza. Já acima da linha da pobreza, estava apenas um terço dos angolanos do meio urbano. Em Angola, apesar das limitações devido a razões de segurança, alguns estudos não foram têm tido dimensão nacional, mais Paulo de Carvalho apresenta-nos um quadro de dados de pobreza em Angola de 1995 e 2001.

Assim, no que diz respeito a percepção da pobreza em Angola, cerca de três quartos dos habitantes adultos de Luanda consideram que a maioria dos angolanos vive em situação de pobreza. E nota-se ainda que o interior de Angola é mais pobre que o litoral, as áreas rurais são bastante mais pobres que o meio urbano, a pobreza é maior nas pequenas cidades que nas cidades mais populosas.

De acordo com a definição de exclusão social que utilizamos, consideramos aqui que em Angola todo pobre se encontra em situação de exclusão social. Ainda que uma pessoa pobre não se encontre socialmente excluída numa outra dimensão, enfrenta barreiras e está excluída na dimensão económica, resultando daí (no mínimo) deficiente acesso aos bens socialmente desejados. Normalmente, como veremos adiante, os pobres angolanos estão também excluídos noutras dimensões. Em Angola, a pobreza funciona em acumulação com outras dimensões de exclusão social (Ibim).³²

8. GLOBALIZAÇÃO

Podemos descrever a globalização como o conjunto de transformações políticas, económicas e culturais que resulta da integração do mundo e do num espaço comum, ou seja, na chamada aldeia global. Este fenómeno é noutro lado acompanhado online e em tempo real. assim, há que admitir que a globalização não é um processo simples, mas sim é uma rede complexa de processos.

A palavra globalização foi forjada na década de 1980, nos E. U. A, e o seu significado busca interpretar inicialmente o processo de formação de uma economia global. Obtendo na designação desta realidade que mostrava o aumento da interação das diversas partes do mundo, a facilidade de deslocamentos e de comunicação, a palavra foi incorporada com bastante facilidades pelos meios de comunicação de massa e ao mesmo tempo também passou a ser utilizada pelos meios académicos e intelectuais, que procuram dota-la de significado mais preciso.

³² *Gidn (cit, Paulo de Carvalho, 2004:p.89*

_____, 2010, p. 24.

CASTELLS, MANUEL, 2007

Por outro lado, o termo hoje é aplicado em outras dimensões não só a económica, como a globalização cultural, da qual a duas posições que se contrapõem aqueles que defendem que está havendo uma homogeneização cultural global, com a extinção das particularidades culturais, e outros que, ao contrário afirmam que está ocorrendo uma nova diversidade. Por isso que o britânico. considera que a situação dos países menos desenvolvidos é particularmente sensível devido à falta de recursos para manter a sua própria independência cultural.

o fim da guerra fria provocou um impacto no sector industrializado, gerando um estímulo para novos avanços, com o objectivo de se promover uma nova humanidade. Esse impulso levou grande número de intelectuais, cientistas, artistas e pensadores de diferentes partes do mundo, a organizar no Egipto uma conferência internacional sobre a criatividade e a dinâmica global. Neste evento discutiram-se as perspectivas de uma globalização para a economia, a comunicação e a cultura.

Rattner afirma que a globalização iniciou-se no pós-guerra, com a expansão acelerada e ininterrupta da internacionalização da economia, configurada pelo crescimento do comércio e dos investimentos externos, com as taxas bem mais altas do que o aumento da produção mundial.

Aculturação é a fusão de duas culturas diferentes que entrando em contacto contínuo originam mudanças nos padrões da cultura de ambos os grupos. Pode abranger numeroso traços cultural, apesar de, na troca recíproca entre as duas culturas, um grupo dar mais e receber menos. Dos contatos íntimos e contínuos entre culturas e sociedades diferentes resulta um intercâmbio de elementos culturais. Com o passar do tempo, essas culturas fundem-se para formar uma sociedade e uma cultura nova ³³

8.1. OS CAMPOS DA GLOBALIZAÇÃO:

A globalização abrangem em vários campos, tais como: Campos da tecnologia, *Campo social e cultural, religioso e educacional, económica e no campo da política.*³⁴

8.2. FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA A GLOBALIZAÇÃO

A explosão que se assistiu na comunicação a nível global foi possível graças a importantes avanços que se registaram no campo da tecnologia e nas infra-estruturas das telecomunicações mundiais. Diz Anthony Giddens que o período pós-guerra deu-se uma profunda transformação no âmbito de intensidade de fluxos de telecomunicações. O sistema tradicional de comunicação telefónica, baseado em sinais analógicos enviados por fios e cabos, foi substituído por um sistema integrado onde grandes quantidades de informação são comprimidas e transferidas digitalmente. A tecnologia por cabo tornou-se mais eficiente e

³⁴IbidemL, 2007, pp:

menos dispendiosa, o desenvolvimento de cabo de fibra óptica aumentou de modo alargada os canais que podem ser suportados. Ao passo que os primeiros-cabos transatlânticos instalados na década de 50 do século xx eram capazes de transportar menos informação de cem canais de voz, em 1997 a capacidade de único cabo transoceânico eleva-se já a cerca de 600.000.

A banalização do recurso a satélite de comunicação, fenómeno que teve início na década de 60, foi também importante para a expansão das comunicações internacionais. Actualmente está em funcionamento uma rede que compreende mais de 200 satélites, que têm tornando fácil a transferência de informação pelo mundo na sua integridade.

Como sabemos que o impacto deste sistema de comunicação tem sido bastante extraordinário. Hoje em dia, os lares e os escritórios dos países mais desenvolvidos do ponto de vista das telecomunicações têm múltiplas ligações ao mundo exterior, incluindo telefones (fios e móveis), máquinas de fax, televisão digital e por cabo, correio electrónico e internet. Este último afirmou-se como a feramente de comunicação de maior crescimento de sempre em 1998 havia cerca de 140 milhões de utentes deste no mundo inteiro. Em 2001, observou-se mais de 700 milhões de usuários.

Estas formas de tecnologia acabaram por tornar fácil o modo como hoje compreendemos o tempo e o espaço: como resultado disto dois indivíduos que estão situados em dois lados opostos do planeta podem ter uma conversão em tempo real, como podem também enviar documentos e imagens um ao outro com ajuda de satélites. O uso corrente da internet e dos telemóveis acelera e aprofunda os processos da globalização. Por vemos diariamente um sem número de pessoas ficam ligadas entre si por intermédio destas tecnologias de comunicação e de informação, fazem-no em espaços antigamente isolados ou deficientemente abrangidos tradicional de comunicação. Apesar de que as infraestruturas de comunicações não tenham desenvolvidos de modo igualitário em todo mundo, porque assistimos um número cada vez maior de países pode ter acesso às redes internacionais de comunicação, de um modo que antes não era possível.³⁵

Também a integração da economia mundial está a fazer avançar a globalização. Ao contrário de épocas mais antigas, a economia global já não assenta primordialmente na agricultura, ou na indústria. Ao invés, é cada vez mais dominada por actividades leves e intangíveis QUAAH. esta economia light tem sido definida como uma economia em que os produtos se baseiam na informação, como é o caso do software informático, dos serviços on-line. Este novo contexto da economia mundial já foi descrito de várias formas, ou seja, como sociedades pós-industriais, era da informação e, a definição talvez mais comum actualmente, a economia.

³⁵ Ibidem, 2007, p. 52

Segundo Castells a emergência deste tipo de economia está relacionada como o aparecimento duma vasta gama de consumidores tecnologicamente instruído e que integra claramente nas suas vidas quotidianas novos avanços nos campos de informática, do espetáculo e das telecomunicações. A economia global reflecte no seu *modus faciendi* as mudanças que ocorreram na era da informação.

8.3. AS CAUSAS DA GLOBALIZAÇÃO CRESCENTE

Giddens descrever as principais causas da globalização crescente, tais como, *as Mudanças políticas, Fluxos de informação, As empresas transnacionais*.³⁶

9. A SOCIOLOGIA EM ANGOLA

9.1. FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA

A sociologia angolana está mais desenvolvida porque os sociólogos Mário Pinto de Andrade e Mário António de Oliveira, homenageados hoje com o título honoríficos, deram contributos significativos desse a década dos anos 60, utilizando o método sociológico. Mais a sociologia desenvolveu-se a partir da década de 90 com a sua profissionalização, popularização e iniciação no sistema de ensino e surgimento dos cursos de Sociologia.

Periodização da Sociologia angolana, segundo o critério histórico e das temáticas dominantes e recorrentes num determinado momento histórico, sugere a demarcação de quatro grandes fases no desenvolvimento do pensamento sociológico angolano:

- 1- *a fase de 1870-1911* é marcada pela narrativa sociológica, pelo tempo social da geração nativista e do jornalismo doutrinário. Este período da pré-sociologia é caracterizado pelo clamor do discurso protestatório;
- 2- *a Fase de 1911-1951*, é a da narrativa proto-sociológica, ligada a implosão do associativismo e da ensaística social doutrinária, dominada pela denúncia das desigualdades sociais e pela agressão verbal exacerbada dos discursos sobre raça, cultura e civilização;
- 3- *a fase que vai de 1951-19993*, é das narrativas clássicas e neoclássicas da Sociologia angolana, e este período encontra-se subdividida em três etapas cronológicas:
 - *1ª Etapa de 1951 a 1968* é a etapa dos patriarcas da Sociologia angolana, Mário Pinto de Andrade e Mário António de Oliveira, foi neste espaço de tempo social que se formaram os principais paradigmas da Sociologia

³⁶ Giddens, 2010, p.54

Kajibanga, 2009, pp:2-3

angolana ‘paradigma da sociologia do saber endógeno – radicado em Mário Pinto de Andrade, durante a década de 1959, e o paradigma da sociologia da criouliidade – glosado por Mário António de Oliveira no decurso do decénio de 1960);

- *2ª Etapa de 1968-1975*, é dominada por textos sociológicos sobre a guerra e a luta de libertação nacional trata-se do primeiro momento da narrativa neoclássica que, além das temáticas guerras e libertação nacional, dá continuidade aos temas clássicos da crítica do sistema colonial;
- *3ª Etapa de 1975-1993* corresponde ao segundo momento da narrativa neoclássica, em que a ensaística inspirada no materialismo histórico e outra de pendor sócio-cultural dão grande impulso ao desenvolvimento do pensamento sociológico angolano. Trata-se de uma fase em que a sociologia militar e engajada é, sobretudo dominada pelas propostas teóricas de pendor marxista de Eugénio Ferreira e Santos.

4- *A quarta fase que vai de 1993 aos nossos dias*, é caracterizada pelo processo de institucionalização e afirmação da Sociologia académica, pelo surgimento de novas linhas e tendências de pesquisa e pela entrada na arena intelectual da novíssima geração de sociólogos angolanos formados na Universidade Agostinho Neto, no primeiro decénio (ainda em curso) do século XXI.³⁷

8.1 SOCIÓLOGOS ANGOLANOS

Para falarmos dos sociólogos angolanos, é fundamental destacar as figuras dos pais fundadores da Sociologia angolana, nomeadamente ‘Mário Pinto de Andrade e Mário António de Oliveira’.

Mário Coelho Pinto e Andrade, nasceu no Golungo Alto, Angola ao 21 de Agosto de 1928. Ele é mais conhecido por Mário Pinto de Andrade, foi um ensaísta e activista político angolano. E Faleceu em 1990 em Londres. Foi o primeiro angolano a estudar a Sociologia, foi presidente do MPLA, estudou Filologia em Portugal, onde esteve também ligada a proclamação da Casa dos estudantes do Império. Mais tarde teve que fugir em França, onde frequentou o curso de Sociologia. Foi influenciado pelos sociólogos da Escola Francesa, nomeadamente *George Balandieure, George Gurvitche, chek Anta Diop etc.* Deu o seu contributo em diversas áreas da Sociologia angolana, tais como na Sociologia Política, S. Da Etnicidade e das Relações Étnicas, Sociologia da Literatura, Sociologia da luta de libertação nacional, Sociologia da angolanidade, Sociologia da Situação Colonial etc. Os seus aspectos sociológicos mais relevantes das suas obras, são apresentada pelo sociólogo *Victor Jajibanga em sua obra*, onde o mesmo faz a menção do paradigma do saber endógena de *Mário Pinto de Andrade*.

³⁷ Ibidem, 2009, pp:2-3

O paradigma do saber endógena recai num estudo interno em diversas áreas do saber, que vai desde a cultura, comunidade, onde firma que, o homem é o ponto de partida e de chegada da cultura, ou seja, o homem é o centro da cultura, sendo ele produto e produtor da cultura. Aborda também a questão ligada ao racismo e do preconceito, onde apresenta possíveis formas de contornar o racismo e o preconceito. *Mário Pinto de Andrade* critica as abordagens sobre a raça, onde afirma que, não existem raças superiores em de tremente das outras, pós que, cientificamente não está comprovada a inferioridade ou a superioridade de uma raça. *Critica a Sociologia gilbertiana*, concretamente do seu *lusotropicalismo*, bem como algumas figuras de destaque do poder português. Onde afirma que, o *lusotropicalismo* não foi capaz de explicar sobre a formação do Brasil, então é falsa as suas abordagens viradas para as colónias africanas, ou seja, na perspectiva de *Mário Pinto de Andrade* o *lusotropicalismo* de Gilberto Freyre é um conceito, uma teoria ou uma forma de colonizar, pós que, a mesma perspectiva sobre as boas intensões dos portugueses, é falsa. E finalmente Mário P. De Andrade apresenta o conceito de angolanidade, que mais tarde transcende até a literatura o conceito de angolanidade, para contra por com a portugalidade. Os seus principais trabalhos sociológicos são: *Origens do Nacionalismo Africano*, *Entrevista dada a Michel Labon*, *As ordens do Discurso do Clamor Africano*, *Consciência, Identidade e Ideologia na Formação da Nação* etc (Ibim,3-6).³⁸

Mário António de Oliveira nasceu em *Maquela do Zombo*, na actual província angolana do *Uíge*, em 05 de Abril de 1934 e faleceu no Hospital de Santa Maria, em Lisboa, Portugal, a 07 de Fevereiro de 1989. Poeta, historiador e professor universitário, publicou diversos ensaios dentre os quais se destacam ‘*A Sociedade Angolana do Fim do Século e um seu Escritor*; *Colaborações Angolanas no Almanaque de Lembranças*; *Luanda: Ilha Crioula*; *O primeiro livro de pões publicado na África portuguesa*; *A formação da literatura Angolana* etc.³⁹

A sua contribuição para a formação da Sociologia angolana clássica, é indiscutível. E os seus trabalhos sociológicos estendem-se nos domínios da Sociologia Histórica, Sociologia da Colonização, Sociologia das relações raciais, Sociologia da Cultura e da literatura etc. No âmbito metodológico, alguns dos seus trabalhos, forma pioneiros na introdução de métodos e técnicas de pesquisa qualitativa (o método biográfico e a história de vida) na Sociologia pátria. Quanto aos autores que lhe influenciaram, destacam-se Gilberto Freyer, com a sua teoria do *lusotropicalismo*; e jurista e politólogo luso Adriano José Alves Moreira, com a sua perspectiva dos estudos coloniais.

³⁸Ibidem, 2009, pp:4-5

³⁹ Ibidem, 2009:2-5

Costa [apud Adérito Manuel, 2016,pp:72-93]

8.2. OS NOMES SONANTES DA SOCIOLOGIA ANGOLANA

Victor Kajibanga (actual presidente da SASO); Paulo de Carvalho; Attur Pestana Pepetela; Cornélio Caley; Lucas Ngola; Fátima Viegas; João Baptista Lukombo Nzatozola; Cesaltina Abreu; Carlos Manuel Lopes; José Garcia Lencastre; Manuel Fernando; Kezita Michinje; Adérito Mariano; Pedro de Castro Maria; Jacinto Rodrigues; Moniz Bala Pedro(...).

8.4. ENSINO DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA

A sociologia em Angola na época colonial estava ao serviço da colonização e entre 1975 e 1992 os sociólogos ficaram sem sociologia. Este autor tinha esperanças que chegassem momentos áureos para a sociologia, *em função das transformações ocorridas a partir de 1992*, com Angola a tornar-se um estado democrático e de direito e com a proclamação da Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola (A.A.S.A.). *Só a partir de 1993/94 as disciplinas de Sociologia Geral e de Sociologia da Educação seriam introduzidas nos planos de estudos só cursos professados naquela instituição 'ISCED-Luanda'*, no mesmo ano, era criado o sector de Sociologia no Departamento de Ciências Sociais. *E finalmente em 1995*, num processo administrativo conflituoso entre a reitoria da UAN e a direcção do ISCED de Luanda, *foi fundado o primeiro curso de Sociologia em Angola*. Apesar do conflito armado e sua consequente crise nos mais variados domínios de 1993 a 2003 a sociologia viveu o seu melhor período, de institucionalização académica e de popularização, pós que, trata-se de um decénio caracterizado pela institucionalização no ensino médio, pela criação da primeira cátedra (sector) de Sociologia na Universidade Agostinho Neto e pela autonomia da disciplina através da criação, em Angola do primeiro curso de Sociologia

Afirmação e profissionalização da Sociologia no período pós-guerra

No início do primeiro decênio do século XXI existiam em Angola, *três cursos de Sociologia*: o do *ISCED de Luanda (criado em 1995)*, o da *Universidade Jean Piaget de Angola (2000)* e o da *Faculdade de Ciências de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto (2003)*. Estes três centros formandos e pela orientação epistemológica e metodológica seguida pelos respectivos regentes de curso.⁴⁰

O curso do ISCED de Luanda estava mais ligado à formação de professores de sociologia e dispunha de um currículo dominado por disciplinas da área da Sociologia Geral, teorias sociológicas, sociologia específicas, problemas sociais e metodologia de investigação sociológica, em fim um currículo de pendor generalista, com um ano de Didática da Sociologia e dois de Práticas Docente da Sociologia.

No primeiro decênio do século XIX, *a Universidade Jean Piaget de Angola oferecia um currículo mais inclinado para a formação de sociólogos das organizações*, mas sem nunca ter conseguido consolidar

⁴⁰ Ibim, pp-8.14.

essa intenção oculta do seu currículo, nem criar uma Cátedra com pessoal docente capaz de materializar o desiderato programático do curso.

Já a Faculdade de Letras e Ciências Sociais propunha-se, no período em análise, oferecer curso mais ligado ao mercado do trabalho e um currículo com uma carga horária considerável de disciplinas ligadas ao trabalho de campo. Na prática, não passou de uma agenda de boa intenção, programáticas, pois o ensino da Sociologia naquela Faculdade continuou desligado da pesquisa. Uma das causas dessa fragilidade explica-se pela mudança constante do currículo do curso, criando uma espécie de instabilidade curricular, o que se reflecte no perfil de saída dos profissionais de Sociologia formados naquela faculdade.

A proclamação, a 3 de Setembro do ano de 2003, da Sociedade Angolana de Sociologia (SASO), abriu uma nova fase no percurso da profissionalização da Sociologia em Angola e da afirmação da identidade profissional dos sociólogos, tendo laçado novos reptos a Sociologia pátria.

E em finais de 2004 e princípio de 2005 a SASO organizou um ciclo de debates designados ‘Conversas de Sociologia’ que tiveram lugar no ISCED de Luanda.

A COESA ‘Comunidade dos estudantes de Sociologia’, fundado em 2012. O seu actual presidente chama-se ‘Walter Lopes’ professor de sociologia no ISCED de Luanda.⁴¹

8.5.NOÇÕES BÁSICAS DE CULTURA GERAL

- Kulemba: revista científica do ISCED
- Revista Angolana de Sociologia (RAS)
- Ngola

Directora geral do ISCED: *Esperança Kundima Petirson*

Chefe do Departamento de Ciências Sociais: *Adérito Mariano Manuel*

Chefe da Repartição de Sociologia: *Kezita Michinje*

Ministra da educação: *Maria Cândida Pereira Teixeira*

Ministra do ensino superior: *Amélia Maria de Rosário Bragança Sambo*

As 4^a eleições presidenciais teve lugar no *dia 23 de Agosto de 2017.*

Investidura do novo presidente foi no *dia 26 de Setembro de 2017*

⁴¹ Kajibanga,2009:21-22

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, MANUEL, (2007) *‘A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Fundação calouste gulbenkian. 2 Edição.

CARVALHO Paulo (2008) Exclusão social em Angola. O caso dos deficientes físicos de Luanda, Luanda: Kilombelombe

DIAS, Reinaldo (2012) *‘Introdução a Sociologia’*, 2ª edição, São Paulo: Pearson Prentice Hall.

FERREIRA, J. M. Carvalho et al (1995) *‘Sociologia’*, Lisboa: Hill.

GIDDENS, Anthony (2005) *‘Sociologia Geral’*, 4ª edição, Porto Alegre: Artmed.

IANNI, Octavio (2005), *‘A sociedade Global’*, 12ª ed. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

KAJIBANGA Víctor [2009] “Sociologia em Angola: Paradigmas clássicos e tendências actuais”, in Revista Angolana de Sociologia, Nº4, pp. 179-229

_____, “Culturas Étnicas e Cultura Nacional: Uma Reflexão Sociológica sobre o Caso Angolano”, in Revista Angolana de Sociologia, n.º 5 e 6, 2010, pp. 97-105

LAKATOS E MARCONI, (2009) *‘Sociologia Geral’*, Editora Atlas, 7 Edição,

MARIA, Pedro de Castro [2015]: *‘Minorias Étnicas em Angola: O caso dos San’*, Luanda, Edições JZM.

MANUEL Adérito (org.), (2017) *‘Sociologia, Ensino e Prática em Angola: Itinerário e Propostas de uma Disciplina em Afirmação’*, Beau Bassin, Novas Edições Académicas.

ROCHER Guy (1989) *‘Sociologia’*, vol. I, Lisboa, Presença,

VIEIRA Laurindo (2007) *‘Angola: A Dimensão Ideológica da Educação (1975-1992)’*, Luanda, Editorial Nzila.